



ESTUDOS SOBRE A ADOLESCÊNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: ALGUMAS REFLEXÕES PERTINENTES

Camila Detoni Sá de Figueiredo¹
Sonia Maria Martins de Melo²

Resumo: Diante da transformação da realidade pela Pandemia de SARS – Cov-2 (Covid-19) e do isolamento social vivenciado em decorrência desta e para levantar informações sobre a saúde mental dos adolescentes, faz-se necessário conhecer os estudos já elaborados sobre esse assunto. Objetivando conhecer os estudos elaborados em nosso país, disponíveis no portal da CAPES, foram selecionadas as palavras-chaves: Pandemia, Sexualidade, Adolescente, Mídias e realizada uma busca de artigos. O objetivo deste texto é refletir sobre artigos encontrados que abordem a temática acima proposta, seus objetivos, a metodologia, os indivíduos pesquisados e seus resultados, porém com as palavras-chave só foram encontrados três e desses, apenas dois abordaram a questão da adolescência e pandemia. Como resultado desses estudos, percebeu-se que a saúde mental dos adolescentes vem sendo afetada pelo uso excessivo e equivocado das mídias e das redes sociais e que a pandemia ampliou, intensificou esse quadro.

Palavras-chave: Pandemia, sexualidade, Adolescente, Mídias.

Abstract: Faced with the reality changing by the SARS Pandemic – Cov-2 (Covid-19) and the social isolation live regards this pandemic and in order to raise data about adolescents mental health, it is necessary to know the studies already elaborated on this subject. Aiming achieve knowledge about the elaborated researches in our country, available at CAPES, the following key words were selected: Pandemic, Sexuality, Adolescent, Media and it was accomplished an article search. The main objective of this article is to present and discuss Other Papers found that approach the subject proposed, its objectives, methodology, public surveyed, outcomes, however, with this three key words only three articles have been found and among these, only two describe the adolescent and Pandemic issue. As outcome, it is noticed that adolescents mental health has been affected by the excessive and mistaken use of media and social media and that the Pandemic context has expanded, intensified this situation.

Key-Words: Pandemic, Sexuality, Adolescent, Media.

¹ Doutoranda em Educação – UDESC, membro do Grupo de Pesquisa EDUSEX, acesso ao lattes: <http://lattes.cnpq.br/7761072711583328>

² Doutora em Educação PPGE/FAED/UDESC, líder do Grupo EDUSEX CNPq, acesso ao Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2208746443474797>

Revista Gepesvida

INTRODUÇÃO

O presente texto foi construído a partir de busca de artigos sobre a adolescência em tempos de Pandemia e tem como objetivo de identificar e conhecer estudos elaborados em nosso país, disponíveis no portal da CAPES, sobre a temática Adolescência em tempos de Pandemia. A metodologia utilizada foi a da revisão bibliográfica. Foram utilizadas as palavras chaves: Pandemia, Sexualidade, Adolescente, Mídias e encontrados seis artigos. Dentre estes, inicialmente foram selecionados três que contivessem pelo menos as seguintes palavras chaves: Sexualidade, Adolescente e Mídias: 1. Sugar Relationships: Sexo, Afeto e Consumo Na África do Sul e No Brasil. 2. Covid-19 e Saúde Mental dos Adolescentes: Vulnerabilidades Associadas ao Uso de Internet e Mídias Sociais/Mental Health Of Teenagers During The Covid-19 Pandemic: Vulnerabilities Associated With The Use Of The Internet And Social Media; 3. Uma Juventude À Flor Da Pele: O Dilema de Adolescer ou Adoecer.

Em seguida, a partir dos artigos encontrados, realizamos um debate sobre os artigos 2 e 3 supracitados, pois esses abordam a relação do adolescente com a pandemia, que é o foco deste texto. Para a discussão dos artigos abordamos os seguintes aspectos: assunto principal, objetivos, metodologia, indivíduos pesquisados, resultados.

Como resultado, ambos os artigos apontam que a saúde mental dos adolescentes vem sendo afetada pelo uso excessivo e equivocado das mídias e das redes sociais e que a pandemia de Covid-19 ampliou esses prejuízos. Dentre os principais prejuízos destacam-se os problemas relacionados a saúde mental e física. Destacamos que no artigo intitulado: Covid-19 e Saúde Mental dos Adolescentes: Vulnerabilidades Associadas ao Uso de Internet e Mídias, o autor chama a atenção para um ponto positivo: na pandemia de Covid-19, alguns adolescentes passaram a usar a internet como meio de acesso a cultura.

O que podemos aprender sobre a relação dos adolescentes com as mídias e as mudanças no comportamento desses indivíduos?

No dia 28 de março de 2022, ao realizar a busca no acervo da CAPES³, com as

³ Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez74.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscaador-primo.html>. Acesso em 28, mar 2022.

Revista Gepesvida

palavras: pandemia, sexualidade, adolescência, mídias, foram encontrados os seguintes títulos: 1. Sugar Relationships: Sexo, Afeto e Consumo Na África do Sul e No Brasil. 2. Covid-19 e Saude Mental dos Adolescentes: Vulnerabilidades Associadas ao Uso de Internet e Mídias Sociais/Mental Health Of Teenagers During The Covid-19 Pandemic: Vulnerabilities Associated With The Use Of The Internet And Social Media; 3. Uma Juventude À Flor Da Pele: O Dilema de Adolescer ou Adoecer; 4. Bela, Panaforizada e Do Lar: Reflexões Sobre Um Caso de Aforização; 5. Jovens Imigrantes na Cidade de São Paulo: Ações Político-Culturais, Vida Cotidiana, Resistências/Immigrant Youths In São Paulo City: Political-Cultural Actions, Everyday Life, Resistances/Jóvenes Inmigrantes En La Ciudad De São Paulo: Acciones Político-Culturales, Vida Cotidiana Y Resistencias; 6. Un Secreto A Voces: Los Relatos Íntimos De Niki De Saint Phalle.

O QUE DIZEM OS ARTIGOS?

Após realizar o levantamento com base nas palavras chaves: pandemia, sexualidade, adolescência, mídias, selecionamos três artigos, considerando o objetivo do trabalho: 1. Covid-19 e Saúde Mental dos Adolescentes: Vulnerabilidades Associadas ao Uso de Internet e Mídias Sociais /Mental Health Of Teenagers During The Covid-19 Pandemic: Vulnerabilities Associated With The Use Of The Internet And Social Media; 2. Uma Juventude à Flor da Pele: o dilema de adolescer ou adoecer; 3. Sugar relationships: sexo, afeto e consumo na África do Sul e no Brasil.

O primeiro artigo intitulado Covid-19 e Saúde Mental dos Adolescentes: Vulnerabilidades Associadas ao Uso de Internet e Mídias Sociais foi escrito por Catiele dos Santos. Nele a autora aborda a questão da saúde mental dos adolescentes relacionada ao uso da internet e das mídias sociais.

O primeiro ponto importante a destacar refere-se à identidade do adolescente. O adolescente apresenta algumas características próprias ao seu tempo, pois ele é transformado pelo contexto em que está inserido ao estabelecer uma relação dialética com a sociedade, transformando-a e a si mesmo. Santos (2001) aborda as principais consequências relacionadas ao aumento do uso das mídias: estresse, vulnerabilidades a violências, distúrbio do sono e dependência da internet. Ela sugere algumas intervenções.

Revista Gepesvida

Santos (2001) embasa seu trabalho em autores como Hall (1997), Giddens (2002) e Baumann (2004), ao discutir a relação entre internet, mídias sociais, identidade social e saúde mental. Hall (1997) afirma que a identidade se constrói a partir da interação entre o eu e a sociedade; Giddens (2002) aponta que a globalização contribui para a fragmentação da identidade e Baumann (2004) destaca que num mundo globalizado as identidades fixas e bem definidas tornaram-se ultrapassadas e, em decorrência do excesso de informações, é mais interessante manter uma identidade flexível, fluída. Essas contribuições trazidas por Santos (2021) nos interessam na questão referente a saúde mental, pois a autora pontua que uma identidade flutuante pode causar angústia, mas por outro lado, uma identidade fixa é tomada como alvo de preocupação.

Para Erikson (1976, p. 136) é a construção ou não da identidade que guiará o adolescente, isto é, dessa identidade o adolescente furta-se a intimidade ou lança-se em atos de intimidade promíscuos, sem estabelecer uma verdadeira fusão ou real entrega de si próprio. E Erikson (1976, p. 136) continua:

Quando um jovem não consuma essas relações íntimas com outros e, acrescentaria eu, com seus próprios recursos internos, no final da adolescência ou no início da idade adulta, ele poderá procurar relações interpessoais sumamente estereotipadas e acabar retendo um profundo sentimento de isolamento.

Sobre este primeiro aspecto, sobre a identidade flexível, fluída que possibilita a transição entre diferentes ambientes, diferentes contextos, é como se o jovem agisse como um camaleão, ao se transformar diante de diferentes ambientes e contextos sociais. Entretanto, se o adolescente não possuir uma identidade definida, como ele irá construir a sua identidade necessária ao desenvolvimento de intimidade?

Antes de prosseguir com a discussão, convém esclarecermos qual o conceito de mídias no qual embasamos nossa reflexão:

Mídia é todo dispositivo que viabiliza a comunicação, ou seja, todo e qualquer meio social ou tecnológico que possibilite a construção e a circulação de significados, incluindo meios individuais e coletivos de comunicação, os meios de transmissão, circulação, exposição, bem como de portabilidade da informação. (SARTORI, 2012).

Quando nos referimos às mídias, partimos desse conceito, de que mídia é todo dispositivo que viabiliza a comunicação, seja tecnológico ou não. No caso da discussão do artigo citado, Sartori está abordando a questão das tecnologias de informação e

Revista Gepesvida

comunicação, como celular, internet e as redes sociais

Nesse sentido, um segundo aspecto apontado, no primeiro artigo intitulado Covid-19 e Saúde Mental dos Adolescentes: Vulnerabilidades Associadas ao Uso de Internet e Mídias Sociais é que durante a pandemia, com a aplicação da modalidade remota de estudos, as assimetrias já existentes na sociedade entre aqueles com acesso à internet e as TICs e os que não têm acesso foi reproduzida, aumentando as diferenças. Como não pretendemos debater as problemáticas da educação, não discutiremos esse aspecto, mas o citamos, pois ele se tornou uma vulnerabilidade para a população com acesso restrito as tecnologias necessárias.

Em Santos (2021) destacamos várias questões levantadas pela autora como a vulnerabilidade a conteúdos inapropriados, exposição de dados pessoais sem o devido cuidado, perda da qualidade do sono, crise de pânico, desenvolvimento de sintomas de ansiedade, depressão e transtornos alimentares são problemas que foram ampliados com a pandemia. Destacamos ainda, a exacerbação da comparação social via redes sociais, o quê em si mesmo pode originar sentimento inapropriado. Tais sofrimentos também tem relação com as práticas de bullying e cyberbullying.

Um outro aspecto, apontado por Santos (2021) refere-se a pesquisas que abordam a relação positiva entre os adolescentes e a internet, como, por exemplo a constituição de redes de convivência por adolescentes em situação de sofrimento psíquico grave (Capella et. Al., 2008) apud Santos (2021), e o fato de que durante a pandemia o número de usuários que passaram a realizar atividades culturais online aumentou conforme pesquisa realizada no país, a TIC COVID 194.

Em seus resultados, Santos (2021) aponta como principais prejuízos associados à saúde mental diante do aumento do uso das mídias: ansiedade, irritabilidade, desenvolvimento de transtornos alimentares, distúrbios do sono, crise de pânico, dependência da internet, bullying e cyberbullying.

Como alternativas para resolver esses problemas, Santos (2021) aponta a importância de um diálogo aberto e sem julgamento, estímulo as atividades conjuntas coletivas como esporte, lazer e interação virtual via outras mídias, controle dos pais acerca

⁴ Comitê Gestor da Internet no Brasil: CGI.Br. (2015). TIC Kids online Brasil. 2014: pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: CGI.Br. Recuperado de http://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Kids_2014_livro_eletronico.pdf.

Revista Gepesvida

do que pode ou não ser compartilhado na rede, apropriação das mídias sociais para melhorar a comunicação com os filhos e compreender que sentidos e apropriações os adolescentes fazem hoje, desses dispositivos. Faz um alerta também para que os pais fiquem atentos ao desenvolvimento de sintomas psíquicos e físicos dos filhos associado ao uso exagerado das redes sociais e das mídias buscando ajuda profissional quando houver problemas.

Este alerta sobre o uso exagerado das redes sociais e das mídias possui estreita relação com o principal assunto do segundo artigo, intitulado *Uma Juventude à Flor da Pele: o dilema de adolecer ou adoecer*, escrito por Edson Saggese. Este artigo buscou explorar a relação da pandemia com o aumento de automutilação e desenvolvimento de transtornos psiquiátricos bem como do suicídio entre os adolescentes. O primeiro aspecto importante abordado no artigo, diz respeito a uma questão semântica: a diferença entre as palavras *adolescer* e *adoecer*.

Ao abordar esses dois termos, Saggese (2021), nos leva a refletir sobre a questão do que é ser adolescente, como ele se desenvolve, como ele se torna adolescente:

“Adolescer significa entrar na fase da adolescência; estar em processo de crescimento. A etimologia latina remete a “[...] desenvolver-se, crescer, brotar, engrossar, fazer-se grande, fortificar-se”. Adoecer significa “[...] torna-se doente ou adoentado, debilitar-se, enfermar”. Em sentido figurado pode ser “[...] adquirir e/ou apresentar defeito moral (adoecer de presunção, de vaidade, de soberba)”. A etimologia latina remete a “[...] afligir-se, amargurar-se, magoar-se”. (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 88-89).

A partir da exploração dessas questões, Saggese (2021, p.3) propõe outras reflexões e as discute no artigo: “como alguém preocupado com a adolescência contemporânea pode avaliar seus desdobramentos? Um novo terreno social interfere no seu brotar e crescer, e não identificamos corretamente as mudanças desse solo, elemento fundamental para entendermos o jovem de hoje? Há um adoecer moral, e a juventude pós-moderna perdeu a capacidade de descobrir caminhos para formar laços com o Outro? Fatores não totalmente claros produzem novas epidemias de doenças mentais no adolescente, e essas doenças precisam ser precocemente diagnosticadas e tratadas?” Nas palavras do autor:

Grandes transformações tecnológicas pareciam possibilitar a melhora da vida em sociedade e as condições de trabalho e renda. Mas a noção de progresso se viu abalada pela exacerbação de antigos problemas e criação de novos. O abalo sofrido por essa noção, até recentemente tão valorizada na sociedade ocidental

Revista Gepesvida

contemporânea, atinge diretamente a perspectiva de vida das novas gerações. Sagesse (2021)

Seguindo esse raciocínio, como segundo aspecto, Sagesse (2021) nos faz refletir sobre: a noção de progresso, transformações que passamos, nosso papel na modernidade, mudanças sociais que ocorrem em nosso mundo, papel da família, papel da educação, papel político dos gestores, e sobre o papel da saúde, ao discutir sobre a medicalização dos jovens. Segundo Sagesse (2021), nesse contexto de mudanças aceleradas, é preciso atenção as questões de gênero, trabalho, educação e família quando se fala de saúde mental na adolescência. E ele continua sua reflexão ao pontuar que com a modernidade das sociedades ocidentais, perderam-se demarcações e os ritos que indicavam um lugar no mundo para o indivíduo, que marcavam a passagem para o mundo adulto. Nas sociedades pré-modernas, diz ele, não se fala de indivíduo, mas de membros de um conjunto social (clã, tribo ou casta) que atravessavam certos ritos de passagem para acederem a um lugar estável no seu grupo social (SAGGESE, 2001).

Ainda sobre as instituições, Sagesse (2021) pontua que segundo Ariès (1978) além da família, a escola passou a exercer papel importante na formação do adolescente:

[...] Quanto à escola, Ariès assinala que, como um local separado da família, ela se torna, mais do que apenas um lugar de aprendizado formal, o primeiro e mais importante espaço para socialização da criança, que antes era apenas função da família. É ela que permite ao aluno se defrontar com diversos modos de ser e conviver no mundo, para construir valores morais e sociais, importantes para sua identidade adulta. (SAGGESE, 2021, p. 4).

A escola se torna um locus privilegiado onde se desenrola o projeto da modernidade que, rompendo com a tradição, obrigava o indivíduo a buscar seus próprios caminhos. Iniciou-se, mais marcadamente no século XX, a passagem por um período que chamávamos de crise da adolescência, que o psicanalista Erikson (1976) vai conceituar como uma moratória social, ou seja, uma fase etária na qual há uma espécie de licença da sociedade para não ser nem criança nem adulto. (SAGGESE, 2021, p. 4).

Ao seguir construindo uma linha do tempo para a compreensão das mudanças e sua influência no processo de adoecimento do adolescente, Sagesse (2021), pontua que no mundo *Pósmoderno* (LYOTARD, 1993): todas as verdades seriam relativas, ou seja, nesse contexto surge um mercado de crenças contraditórias. O processo de individualização sofre acentuada mudança nas sociedades industriais tornando-se uma “[compulsão] pela fabricação, o autoprojeto e a autorepresentação, não apenas da própria biografia, mas também de seus compromissos e articulações à medida que as fases da

Revista Gepesvida

vida mudam”, conforme assinala Beck (GIDDENS; LASH; BECK, 2012, p. 32).

Diante disso, fica o questionamento: Se o adolescente está engajado nesse autoprojeto de individualização e este, está em constante mudança, em uma etapa de sua vida em que sua autoimagem está vulnerável, quais as condições do indivíduo adolescente lidar com toda as suas questões internas nesse mundo fluído? Essa questão se relaciona diretamente ao terceiro ponto apontado no artigo Uma Juventude à Flor da Pele: o dilema de adolecer ou adoecer, escrito por Edson Saggese (2021): o adoecer dos adolescentes, automutilação, autoagressão, tentativas de suicídio.

O terceiro aspecto apontado por Saggese (2021) é uma reflexão sobre mutilação, sobre a vida e a morte apresentando dados relacionados a tentativa de suicídio, autoagressão, auto envenenamento entre os jovens. Além disso, ele aborda dois cenários, um público e um privado quando fala de educação e destaca que o aspecto comum desses dois é a questão da medicalização e o aumento do número de diagnósticos psiquiátricos. Saggese (2021) destaca a desigualdade nos tratamentos ao pontuar que as avaliações das crianças e adolescentes nos dois cenários são diferentes, que a variedade de opções terapêuticas disponíveis em ambientes ricos e pobres são diferentes. Os diagnósticos mais comuns nas camadas superiores são a Síndrome do Pânico ou Transtorno de Déficit da Atenção e Hiperatividade (TDAH) e nas classes baixas, predomina Transtorno de Conduta ou Transtorno de Personalidade Antissocial. A medicação disponível para as camadas sociais também é diversificada. Segundo Saggese (2021), para as camadas superiores, remédios supostamente de última geração, desenvolvidos recentemente pelos laboratórios farmacêuticos com promessas sedutoras em suas bulas e para as classes baixas, medicações mais antigas, vendidos aos governos a baixo custo.

Toda essa discussão tem relação com uma perspectiva patologizante e não preventiva. Finalizando, Saggese (2021, p. 11) aponta alguns caminhos para que possamos lidar com essa situação do sofrer adolescente, não somente na perspectiva patologizante, mas da prevenção:

Esclarecendo ainda uma vez, a leitura de fenômenos sociais exclusivamente sob a ótica patologizante nos leva a mais e mais medicalização dos eventos vitais. O objetivo da crítica não é minar a confiança dos profissionais que lidam com os problemas da juventude. A intenção ao criticar a medicalização é traçar limites entre a esperança e o pensamento mágico, entre a confiança e a credulidade e entre a ciência e a impostura. Um limite que ajude a escola a repensar seu papel como coadjuvante do processo de medicalização da

Revista Gepesvida

juventude. Pode-se dizer que, apesar de múltiplos desafios, a escola é um trunfo indispensável para o desenvolvimento psicossocial do aluno e, nesse processo, o Outro/professor tem um papel importante ao não contribuir para gerar um veredicto psicopatológico, mas ser uma referência importante na escuta das transformações identitárias que atravessam as novas gerações. (SAGESSE, 2021, p. 11)

Após debater a questão da medicalização, o autor retoma a questão da autoagressão e tudo o que pode estar relacionado com ela e para fazer isso ele dá voz aos adolescentes dialogando com a teoria já apresentada.

Em sua conclusão, Saggese (2021) fala sobre o futuro ao dizer que não temos somente uma juventude à flor da pele, mas uma sociedade à flor da pele. Segundo ele, nem precisaríamos da pandemia de COVID para constatar a fragilidade da posição do homem contemporâneo frente às perspectivas quanto ao futuro, mas sua ocorrência reforça o juízo que “na ordem maior das coisas somos apenas uma espécie sem especial importância”. (ZIZEK, 2020, p. 13. Tradução nossa).

Sagesse (2021, p. 16), ao se questionar sobre como reagirá a juventude, comenta:

[...] ainda o poder das palavras sobre o adolescente, poder esse que é ambivalente: ainda que o amarre ao outro, também pode despertar uma recusa radical em continuar a ouvi-las. Sagesse (2021) encerra questionando: as vozes da pandemia soarão como desalento ou como despertar? Os cortes na pele que os adolescentes executam são manifestações de uma angústia que, não encontrando voz para expressar, convida a dor a ocupar o seu lugar? Essa situação limite a que fomos conduzidos pede respostas não habituais, incluindo reforma da sociedade desigualitária em que vivemos e a mudança da relação distribuidora que estabelecemos com a natureza. Pode ser que os jovens imprimam em sua voz a reivindicação de mudanças e a angústia encontre o caminho para fluir em palavras.

O terceiro artigo selecionado, intitulado *Sugar Relationships: sexo, afeto e consumo na África do Sul e no Brasil*, aborda como *Sugar Relationships* vêm sendo tratados na grande mídia em paralelo aos esforços de parte da produção local em desafiar os regimes de moralidade que inflamam os ânimos a respeito desses arranjos. Ao buscar as interconexões entre o Brasil e África do Sul, a autora aponta as formas como a produção brasileira vem lidando com debates e contextos similares. Esse artigo aborda questões da sexualidade e das mídias, no entanto, não aborda questões diretamente relacionadas a pandemia. Sendo assim destacamos do artigo o conceito de *sugar daddy*, *blessor*, *papa bear* e *suggar relationships*. Segundo Thais Henriques Tiriba, autora do artigo, *sugar daddy*, *blessor* e *papa bear* são formas de *sugar relationships*. Segundo Tiriba (2019) as denominadas *sugar relationships* são um arranjo intergeracional no qual

Revista Gepesvida

homens com mais recursos engajam-se em intercâmbios afetivos sexuais e materiais com mulheres mais jovens por meio da internet e aplicativos para este fim. Shamase (2016) nos traz o conceito de *Blessed*, que seria uma nova versão do *sugar daddy*. A diferença é que o poder de compra do *Blessed* o coloca em um pedestal muito mais alto, em um status Divino. É como se quem namorasse um *Blessed* tivesse a vida literalmente abençoada.

Destacamos, deste modo, esta nova forma de relacionamento afetivo sexual, mediada pelas mídias pois elas envolvem os adolescentes. Sendo assim, sua existência deve ser debatida para que se compreenda o que elas são e quais os devidos cuidados devem ser tomados quando do uso desses aplicativos por menores. Há que se considerar também a cultura e a legislação vigentes, ao debater esses assuntos. Mas como esse artigo específico foi escrito antes da pandemia não traz dados referentes a essas novas relações durante a pandemia e não foi possível aprofundar essa discussão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos artigos apresentados e seus dados, pode-se dizer que é preciso ampliar cada vez mais um olhar atento para a relação dos adolescentes com a internet e com as mídias, sobretudo após esse tempo de pandemia, no qual o período passado em frente aos eletrônicos aumentou sobremaneira devido ao isolamento. Nos dois primeiros artigos está registrada uma preocupação com relação a saúde mental dos adolescentes e o que eles enfrentam devido ao uso excessivo de telas. O terceiro artigo fala sobre uma nova forma de relacionamento afetivo sexual, não necessariamente abordando questões de saúde mental, mas aponta para uma situação nova que são as *sugar relationships*. Essas novas formas de relações também merecem nossa atenção pois diante da vulnerabilidade dos adolescentes, o acesso acrítico a esses aplicativos pode colocá-los em situação de risco. Porém essa discussão merece ser aprofundada em momento posterior, considerando que o objetivo do presente artigo foi identificar e refletir sobre alguns estudos elaborados em nosso país disponíveis no portal da CAPES sobre a Adolescência em tempos de Pandemia, como um desafio para que várias pesquisas possam contribuir para aprofundar a temática como subsídio à elaboração de políticas públicas que sejam adequadas a estes novos tempos pós Covid no que tange a saúde mental de nossa juventude, saúde esta,

Revista Gepesvida

perpassada pelas suas intensas relações com as mídias.

REFERÊNCIAS

ERIKSON, E. *Identidade, Juventude e Crise*. Zahar, Rio de Janeiro, 1976.

LYOTARD, Jean-François. *O Pós-Moderno*. Tradução: Ricardo Côrrea Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993

SAGESSE, E. Uma juventude à flor da pele: o dilema de adolescer ou adoecer. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, e109166, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/LKH9ghWwXMhs6grJ5YWPdxy/?lang=pt>, Acesso em: 28, mar. 2022.

SAGGESE, E. *Adolescência e Psicose: transformações sociais e os desafios da clínica*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.

SANTOS, C. dos. Covid-19 e Saúde mental dos adolescentes: vulnerabilidades associadas ao uso de internet e mídias sociais. **Revista Hollos – III**. Dossiê COVID – 19 e o mundo em tempos de Pandemia, 37(3), 1-14. 2021. Disponível em <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/11651>. Acesso em: 28, mar. 2022.

SARTORI, A. S. A prática pedagógica educacional e a aprendizagem distraída: criando ecossistemas educacionais pela mediação escolar. in: REGIS, et al. **Tecnologias da comunicação e cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SHAMASE, N. “Damned by the ‘blessers’”. *Mail & Guardian*, 11/03/2016. Disponível em <https://mg.co.za/article/2016-03-10-damned-bythe-blessers>. Acesso em 30, set. 2022.

TIRIBA, T. H. *Sugar relationships: sexo, afeto e consumo na África do Sul e no Brasil*. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 3, e66921, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/FxNQCJfLt7LnS6bcWJgRXWC/abstract/?lang=pt> Acesso em 28, mar. 2022.

Data de submissão: 10.10.22

Data de aceite: 25.11.22